

Vol. 9, Número 2, jul-dez, 2024, p. 319-335.

Ciência do povo Tukano: plantas – dahseá ahkotisékó – e rituais de iniciação e benzimento – bahsésé

Ciencia del pueblo Tukano: plantas – dahseá ahkotisékó – y rituales de iniciación y bendición – bahsésé

Aldenice Fonseca Alencar
Ruth Reis de Oliveira
Rozane Alonso Alves
Elrismar Auxiliadora Gomes Oliveira

RESUMO

Este texto é parte do trabalho construído no mestrado da primeira autora, professora indígena da etnia Tukano Ye'pá Mahsõ, da comunidade indígena de Taracúá, no município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Quanto à metodologia, o estudo é de cunho autoetnográfico voltado às vivências e aos modos de ser professora Tukano, em comunhão com a abordagem qualitativa. Na perspectiva dos conhecimentos tradicionais, o povo Tukano pratica a agricultura, a caça e a pesca para sua subsistência, é um povo também muito bom na construção e na condução de embarcações pelos rios, principalmente a canoa. O povo Ye'pá Mahsã é excelente na produção de arte da cerâmica e tem muitos conhecimentos na cura com plantas e benzimentos. Dentre essa riqueza da ciência do povo Tukano, em quantidade e diversidade, neste artigo nosso objetivo é apresentar parte dessa ciência nas plantas – dahseá ahkotisékó – e em rituais de iniciação e benzimento – bahsésé. Dialogamos também com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI).

Palavras-chave: Ciências Naturais. Ciência Indígena. Educação Escolar Indígena. Decolonialidade.

RESUMEN

Este texto es parte del trabajo realizado en la maestría de la primera autora, profesora indígena de la etnia Tukano Ye'pá Mahsõ, de la comunidad indígena de Taracúá, en el municipio de São Gabriel da Cachoeira/AM. En cuanto a la metodología, el estudio es de carácter autoetnográfico enfocado en las vivencias y los modos de ser profesora Tukano, en comunión con el enfoque cualitativo. Desde la perspectiva de los conocimientos tradicionales, el pueblo Tukano practica la agricultura, la caza y la pesca para su subsistencia, es un pueblo también muy bueno en la construcción y en la conducción de embarcaciones por los ríos, principalmente la canoa. El pueblo Ye'pá Mahsã es excelente en la producción de arte de la cerámica y tiene muchos conocimientos en la cura con plantas y bendiciones. Entre esta riqueza de la ciencia del pueblo Tukano, en cantidad y diversidad, en este artículo nuestro objetivo es presentar parte de esa ciencia en las plantas – dahseá ahkotisékó – y en rituales de iniciación y bendición – bahsésé. También dialogamos con el Referencial Curricular Nacional para las Escuelas Indígenas (RCNEI).

Palabras clave: Ciencias Naturales, Ciencia Indígena, Educación Escolar Indígena, Decolonialidad.

INTRODUÇÃO

A história do povo Ye'pá Mahsã, conhecido como Tukano, é diferente da história de quem os colonizou e dos demais ditos cristãos e organizações religiosas que, nos tempos presentes, continuam chegando e dominando todos os territórios brasileiros, em várias comunidades indígenas. Os filhos dos Ye'pá Mahsã herdam os conhecimentos tradicionais, assim seus filhos eram educados com conhecimentos repassados de geração para geração. No caso de filhos de cacique, e este viesse a falecer, seu primogênito assumia o posto a fim de continuar todos os ensinamentos recebidos.

Na perspectiva dos conhecimentos tradicionais, o povo Tukano utiliza agricultura, caça e pesca para sua subsistência; é um povo também muito bom na construção e na condução de embarcações pelos rios, principalmente a canoa. O povo Ye'pá Mahsã é excelente na produção de arte da cerâmica e tem muitos conhecimentos na cura com plantas e benzimentos. A ciência do povo Tukano é rica em quantidade e diversidade. Nesse contexto, neste artigo, o objetivo é apresentar parte dessa ciência nas plantas – dahseá ahkotisékó – e em rituais de iniciação e benzimento – bahsésé.

Antes de discorrermos sobre esses dois temas, objetivo do artigo, apresentamos nossos estudos de documentos do Instituto Socioambiental e do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) (Brasil, 1998), além de vivência na comunidade indígena e de experiências no ensino de Ciências Naturais da autora.

Pedagogia Tukano – dialogando com documentos oficiais

Desde o surgimento da vida no planeta Terra, acredita-se que o homem, através das suas indagações, vem buscando respostas para seus problemas e explicações do mundo ao seu redor. Os povos indígenas, em toda sua trajetória e sua vivência diversa, vêm construindo seus conhecimentos, que são repassados de geração para geração.

Tenho observado que os conhecimentos indígenas são construídos a partir de tudo que ocorre à nossa volta diariamente, isto é, todos os fenômenos que acontecem na natureza, desde os mais simples, como um canto de passarinho, aos mais complexos, como uma temporada com trovoadas. Tudo é observado pelo povo Tukano. Com base nisso, são construídos conhecimentos para lidar com tais situações. Para nós, a natureza em si se torna um universo repleto de ciência em todos os aspectos, como o tempo de derrubadas e plantio obedecido pelas estações do ano, a caça, a pesca, a fabricação de seus meios de locomoção, como a canoa, e vários outros conhecimentos que o nosso povo vai estabelecendo conforme as suas necessidades.

Nas escolas indígenas, consultamos o RCNEI, documento normativo construído na perspectiva de diferenciar a escola indígena das demais escolas nacionais em reconhecimento à diversidade cultural. O RCNEI oferece oportunidade para que as escolas diferenciadas possam realizar seus planejamentos de forma independente, trazendo, dentro do espaço escolar, a liberdade de pautar conteúdos e trabalhos voltados às questões educativas interdisciplinares e interculturais; assim, proporciona ao professor um planejamento pedagógico dentro da realidade do aluno e da comunidade onde está inserido.

Com a implementação do RCNEI, os professores que exercem as atividades docentes nos espaços escolares diferenciados podem trazer, em seus planejamentos e

planos diários, os conhecimentos tradicionais partindo das temáticas discutidas pela coordenação pedagógica e pelos outros docentes no início de cada ano letivo, ou através dos eixos temáticos geradores contidos no Projeto Político-Pedagógico Indígena (PPPI), caso a escola possua esse projeto próprio.

O RCNEI reconhece esta forma de construção dos conhecimentos em Ciências Naturais:

[...] podem começar a ser produzidos, por exemplo, pela observação do que ocorre à sua volta. Todos os dias, em suas aldeias, os indivíduos de uma comunidade indígena observam muitos fenômenos. O nascer do sol; seu aparente movimento pelo céu; os jogos de luz e sombra; os diversos ruídos; o aquecimento gradual ao longo do dia; o movimento das pessoas e dos animais (Brasil, 1998, p. 239).

Nos conhecimentos tradicionais para os povos indígenas, em especial para o Tukano (Ye'pa Mahsã), a natureza é poderosa, magnífica e tem a capacidade de ditar regras para os seres que nela habitam. A ciência, na vida do povo Tukano, se faz presente por meio dos conhecimentos tradicionais, no olhar atento para os sinais da natureza, no benzimento, na nossa espiritualidade e na utilização das plantas medicinais.

Diante disso, temos a natureza como nossa parceira, que sempre fez parte da vida em toda a nossa existência, desde os ancestrais até os tempos que vivemos. Assim, diferente do povo não indígena, que, ao acordar, liga a televisão a fim de obter notícias ou informações a respeito do tempo daquele determinado dia, os Ye'pa Mahsã, assim que amanhece, ao despertar, prestam atenção em toda a movimentação dos seres vivos, como os pássaros e outros animais que vivem à sua volta, com o propósito de compreender as informações que a natureza oferece-lhes diariamente.

Existe um pássaro conhecido por pussikah, dono de dois sinais, um bom e outro ruim. Se por acaso esse pássaro surgir com o canto de “pussiria, pussiria!”, logo se entende que o dia será maravilhoso, ensolarado e com possibilidades de boas notícias. Se esse mesmo pássaro surgir com o canto de “a’bi, tiã, tiã”, entende-se que a probabilidade de o dia ser chuvoso é muito maior e, nesse dia, as pessoas poderão ter notícias ruins. Esse sinal serve como alerta para quem vai sair para a roça, pesca, caça ou qualquer atividade, fazendo com que os que o ouvem tenham mais cuidado. Além do pussikah, existe um outro pássaro que traz somente as boas notícias, este é o dhirthiró; toda vez que canta “kri, kri, kri!” é sinal de fartura, sinal de que quem foi pescar conseguirá trazer bastante peixe para casa e, se alguém sair para caçar, conseguirá uma boa caça para a família e a comunidade.

Como observadores atentos a tudo o que acontece à sua volta, os povos indígenas são capazes de descrever com riqueza de detalhes o comportamento dos animais; a diversidade das plantas; o movimento das águas; as mudanças do clima; o lento correr das estações; as mudanças que acontecem no céu ao longo do ano. Estes importantes conhecimentos, inclusive, têm sido utilizados na pesquisa científica atual, contribuindo para o melhor conhecimento dos ambientes brasileiros (Brasil, 1998, p. 239).

Para os Tukano, os conhecimentos tradicionais são estudados e construídos pelos ancestrais, os quais são formulados e reformulados especificamente para cada situação, como uma forma de resolver nossos problemas e contribuir com nossa sobrevivência.

Segundo os mais velhos da comunidade, se uma família não possuir benzedor, tem que seguir as normas estabelecidas, como, ao sair de casa para a roça, pesca ou buscar frutas na mata, tomar um mingau ou manicuera. De acordo com os mais velhos, os seres da mata, os nehkĩ mahsã, são sensíveis a um organismo humano frio, assim se torna um ambiente perturbador com a presença de gente que não tomou mingau ou líquido morno, por isso é necessário que as pessoas levem ao pé da letra as normas tradicionais.

Na cultura ye'pa mahsã, existem seres que são donos e responsáveis por todas as plantas e animais existentes na mata. No caso de seres malvados existentes na natureza, os pajés dos nossos antepassados analisaram, estudaram e estabeleceram repertórios de benzimentos específicos para proteção contra esses seres. Somente o ya'í (pajé considerado acima de benzedor) tem capacidade de detectar o tipo de ser que o atacou e, desse modo, realizar o processo de benzimento. Para os indígenas, os animais também são seres que possuem espíritos que os acompanham, aqueles que guiam a vida, por isso todos os indígenas devem ser benzidos antes do consumo da carne de caça.

A natureza é um espaço que possui diversos seres que só se manifestam se as pessoas que nela adentram causarem algum desconforto com o não cumprimento das regras estabelecidas. Compreende-se também que a natureza, além de estabelecer suas regras através de seres que nela habitam, se mostra muito bem organizada, quando se entende que cada parte dela é responsabilidade de algum ser, como uma forma de se proteger. Diante disso, nós, os Tukano, temos o máximo de respeito e cuidado com tudo que ela nos oferece.

Numa escola indígena do povo Tukano, todos os conhecimentos anteriormente citados são reconhecidos como conhecimentos de Ciências, tendo em vista que, conforme os conhecedores tradicionais repassam esse conhecimento para os jovens, eles também ensinam como se proteger desses seres da mata pelo benzimento.

Assim, compreende-se que, antes mesmo de o homem não indígena surgir nas terras brasileiras, os povos indígenas já haviam organizado o próprio sistema de pensamento no sentido de criar os modos próprios de conhecimento, no qual, por meio deles, produzem e armazenam seus alimentos. Isso porque, em Taracuá, o acesso a eletrodomésticos, como geladeira e outros, é difícil e pouco são usados, em função de a rede elétrica não funcionar de forma constante (somente das 19h às 22h). Além disso, o povo Tukano também, ao longo de sua existência, vem desenvolvendo seu modo de se expressar e de ensinar seus conhecimentos com o intuito de manter seus modos de ser presentes nas novas gerações. Nesse sentido, o RCNEI afirma que:

[...] não é suficiente que os conteúdos sejam ensinados através do uso das línguas maternas: é necessário incluir conteúdos curriculares propriamente indígenas e acolher modos próprios de transmissão do saber indígena. Mais do que isso, é imprescindível que a elaboração dos currículos, entendida como processo sempre em construção, se faça em estreita sintonia com a escola e a comunidade indígena a que serve, e sob a orientação desta última (Brasil, 1998, p. 33).

Os livros didáticos que chegam às escolas são generalistas, impregnados de estereótipos sobre o nosso povo, como também não apresentam temas relacionados aos momentos atuais de nossas vivências. Eles evidenciam somente um retrato dos

indígenas no passado, reforçando processos de subalternidade. Assim, acreditamos que a perpetuação de estereótipos nos livros didáticos e na mídia impacta negativamente a aprendizagem dos próprios alunos indígenas e, conseqüentemente, a sociedade em geral. Nesses termos, Bhabha (1998, p. 63) afirma:

Por meio do conceito de diferença cultural quero chamar atenção para o solo comum e o território perdido dos debates críticos contemporâneos. Isso porque todos eles reconhecem que o problema da interação cultural só emerge nas fronteiras significativas das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada. A cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças, nações. Todavia, a realidade do limite ou texto-limite da cultura é raramente teorizada fora das bem intencionadas polêmicas moralistas contra o preconceito e o estereótipo ou da asserção generalizadora do racismo individual ou institucional – isso descreve o efeito e não a estrutura do problema. A necessidade de pensar o limite da cultura como um problema da enunciação da diferença cultural é rejeitada.

O ensino escolar, legalmente, deve levar para a sala de aula conhecimentos das culturas existentes neste país; a exemplo disso, a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, torna obrigatório o ensino, nas instituições escolares, da cultura afro-brasileira e indígena. Embora existam leis, são pouco vistos nas escolas estudos significativos sobre essas culturas brasileiras.

Em relação a essa legislação, Baniwa (2006, p. 219-220) cita que:

A efetivação da Lei 11.645 possibilitará estudar, conhecer e compreender a temática indígena. Superar desinformações, equívocos e a ignorância que resultam em estereótipos e preconceitos sobre os povos indígenas, reconhecendo, respeitando e apoiando os povos indígenas nas reivindicações, conquistas e garantias de seus direitos e em suas diversas expressões socioculturais. A efetivação dessa Lei, além de mudar antigas práticas pedagógicas preconceituosas, favorecerá novos olhares para a História e a Sociedade.

Mesmo com a atual legislação federal que torna obrigatório o ensino, nas instituições escolares, da cultura afro-brasileira e indígena, na Lei nº 11.645/2008, essa limitação ainda é percebida. Além disso, é urgente que essa instrução seja priorizada no Ensino Superior, principalmente nos cursos de formação de professores.

Dahseá ahkotisékó – plantas que curam os Tukano

Uma forma de os Tukano recorrerem à cura diante de enfermidades consiste nas plantas. Algumas plantas são usadas tradicionalmente por diversas comunidades indígenas de todo o nosso país, com uma potencialidade de cura, gerando conhecimento sobre um determinado processo de remédio com base nisso. Para nós, a utilização dos remédios produzidos a partir da planta não significa último recurso para tratamento de alguma doença; ao contrário, os remédios caseiros são buscados de forma imediata no momento em que se descobre uma doença por meio dos sintomas ou mesmo de exames.

As plantas que curam podem ser encontradas na mata, mas nós, Tukano, temos o hábito de plantar tanto nos quintais de casa quanto nas nossas roças, com o intuito de nos precaver de qualquer urgência. O remédio caseiro pode ser feito através da raiz, de casca, folhas, sementes, cipós, flores, podendo, com isso, apresentar um gosto amargo ou doce.

O conhecimento sobre as plantas tradicionais é um processo de ensino que acontece entre as famílias indígenas de pais/mães para filhos/filhas, de avós/avôs para netos/netas, de tios/tias para sobrinhos/sobrinhas e assim sucessivamente. O conhecimento a respeito disso é repassado de geração para geração como uma forma de não deixar que esses conhecimentos se percam.

Segundo relatam os mais velhos da comunidade, antes da invasão de nossas terras, havia doenças que eram tratadas com plantas medicinais e obtia-se o resultado positivo com a eficácia dessas plantas. Com o processo de colonização, conforme os mais velhos, surgiram enfermidades com patologia diversificada, fazendo com que fossem exigidos mais estudos dos indígenas para que pudessem tratá-las.

A nossa relação com a natureza vai além de um simples morar na natureza, vivemos com a natureza. Nesse sentido, enfatizamos que conhecer um pouco as plantas medicinais faz parte da vida de qualquer indígena. O povo Tukano, em especial, possui a tradição de ensinar a conhecer plantas medicinais desde a infância aos seus filhos com o propósito de revitalizar os conhecimentos.

Diante da diversidade de conhecimentos, tanto no processo dos repertórios dos benzimentos quanto das plantas que curam, compreende-se que, por mais que nós indígenas sejamos subalternizados, com a ideia de que a sua cultura junto aos seus conhecimentos tradicionais não tinha valor diante de uma cultura ocidental, os nossos antepassados conseguiram manter esses conhecimentos como uma forma de resistência cultural tradicional. Quanto à resistência cultural, Hall (2003, p. 61) pontua que:

Desde o século dezesseis, essas histórias e temporalidades diferenciais têm sido irrevogáveis e violentamente emparelhadas. Isso não significa que elas tenham sido ou sejam as mesmas. Contudo tem sido impossível desenredar, conceituar ou narrar, enquanto entidades distintas, as trajetórias totalmente desiguais que constituíram as bases de seus antagonismos políticos e resistência cultural, embora seja isso precisamente o que a tradição historiográfica ocidental dominante tem frequentemente tentado fazer.

Os povos indígenas, pela própria necessidade, desenvolveram, ao longo de milhares de anos, um intenso entendimento e conhecimento sobre as propriedades medicinais de determinadas plantas, ervas, raízes e como utilizá-las para tratar uma variedade de doenças na comunidade onde vivem. Esse conhecimento não é registrado em livros, papéis, e sim transmitido oralmente de geração para geração, desempenhando função fundamental na identificação e preparação do passo a passo de remédios, além de orientar todo o processo de forma adequada. Dentre a diversidade de vários outros, temos algumas plantas que servem para tratar certas doenças, são elas: nehke sonã, umiri, muim, ãña koro e tá dehkaró.

Do nehke sonã ¹e umiri, utilizam-se as cascas. Deve-se preparar chá para tratamento de qualquer tipo de inflamação no corpo. Utiliza-se casca de muim² para tratar de algum ferimento na pele. Ainda, existe um remédio chamado aña koro, ele atua contra o veneno de jararaca; caso sofra mordida de jararaca na roça, se tiver essa plantinha, é só retirar, lavar bem na água, tirar o sumo e tomar, também pode passar no local afetado. Existe um outro remédio chamado tá dehkaró, com formato de batatinha, que serve para dor de cabeça, este tem que ser ralado e coado; deve-se pôr somente uma gotinha nos olhos utilizando pétoro³. Outro remédio bem conhecido pelos Tukano é batata-de-cana, tá dehkaró, este serve para tratar infecção intestinal (diarreia) e tem que ser ralado e utilizado em chá para tomar morno. Na Figura 1, temos imagens de algumas plantas medicinais utilizadas pelos Tukano.

Figura 1: Plantas – muin, ta dehkaró, aña karó



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

Além das plantas especificamente para doenças, também existe uma planta para tratar o melasma para mulheres, chamada merõpurin. Essa planta especificamente é usada somente no rosto, pois, para os indígenas, a mancha escura faz com que as pinturas faciais não fiquem visíveis no rosto de mulher nos dias de festas, como dabucuri, por isso algumas pessoas plantam merõpurin, mostrado na Figura 2, no quintal de sua casa, uma vez que ela só nasce na roça como qualquer outra planta.

¹ Caju-do-mato.

² Planta que se encontra em qualquer parte, pode ser no mato ou nos espaços abandonados.

³ Funil feito de folha que serve como conta-gotas.

Figura 2: Menõpurin



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

Os Tukano também fazem uso de algumas plantas e frutas para mistura de seus alimentos, as quais são: caruru, folha de maniva, massa de umari (tirada da fruta), massa de japurá (tirada da fruta), em Tukano se escreve ba'ati, e semente de pupunha (tirada do cacho de pupunha antes da formação de fruta). Carurú, folha de maniva, massa de umari, massa de japurá e semente de pupunha servem para misturar no caldo de peixe.

Embora o conhecimento e a experiência possam ser diferentes dos métodos da ciência ocidental, o método indígena é baseado em observações empíricas, experimentação prática e um conhecimento e compreensão profunda das relações entre as plantas e a natureza durante muitos anos. Portanto, dentro do contexto cultural dos povos indígenas, o conhecimento das plantas medicinais pode ser considerado fundamental para solucionar ou amenizar sintomas de algum tipo de doença.

Rituais de iniciação e benzimento – bahsésé

Um dos conhecimentos tradicionais que era levado ao rigor das regras pelos nossos antepassados era o rito de iniciação, no qual os primogênitos herdeiros-chefes entravam em acordo com outros do mesmo grupo e realizavam tal processo. Assim, um grupo de pessoas com conhecimentos aprofundados da cultura, formado por indígenas mais velhos da aldeia, incluindo os pajés, era responsável por repassar os conhecimentos. O ensino da educação indígena, ou seja, os estudos para a vida, nunca foi ocupado por missionários ou outros não indígenas, uma vez que não sabiam ensinar os conhecimentos da complexidade das nossas vivências.

A preocupação era com os filhos e filhas dos indígenas, por isso o processo de submissão desse rito era levado muito a sério pelos mais velhos da comunidade. Era uma escola somente dos indígenas, em especial dos Ye'pá Mahsã, uma escola tradicional, com intenção de aprovar seus alunos. A reprovação não existia, nessa escola ninguém reprovava, tratava-se de uma escola que desconhecia notas ou atribuições de conceitos.

A preparação dos instrutores era rígida, com intuito de que o processo de iniciação masculina fosse conduzido de maneira correta, pois deles era exigido que passassem por jejum de alimentos e abstinência sexual. Os instrutores eram as pessoas mais velhas da comunidade. Para os meninos, eram os senhores mais velhos, os pajés;

para as meninas, as senhoras mais velhas. A preparação e o trabalho dos instrutores eram acompanhados pelo pajé-chefe.

Era preparado pelos homens e mulheres da aldeia um tipo de erva medicinal para que os instrutores tomassem para retirar de seus estômagos todas as impurezas. Quando tudo ficava pronto, os membros da aldeia chamavam seus filhos de idade entre 9 e 14 anos para que esses jovens meninos pudessem compreender a importância desse processo de iniciação. Assim, Tukano (2017, p. 155) afirma que:

Toda a comunidade acolhia os melhores instrutores, homens que passavam por jejum de comida e de abstinência sexual. Homens e mulheres faziam chá com ervas medicinais no porto e tomavam com as cuias e em seguida vomitavam para tirar as impurezas estomacais. Os melhores músicos eram bem conhecidos. Quando pronto, o chefe anunciava o rito de iniciação para os pais.

Os pais dos jovens meninos, por serem conhecedores de todo o processo de iniciação, orientavam os seus filhos sobre como seria e o que aconteceria com eles a partir daquele momento. Assim, ao toque de som musical de caricú, exatamente da 1 hora às 3 horas da manhã, os jovens eram levados na responsabilidade de seus instrutores com ajuda de seus familiares, como irmãos, pais e avós, à direção do rio. Na água, segundo as concepções dos Ye'pá Mahsã, esses jovens garotos desenvolveram a inteligência, além de realizar uma atividade aquática a fim de construir uma boa musculatura. Em seguida, todos formavam um grupo diante do a'moâ-yegu (instrutor), este se utilizava de caniços benzidos pelos pajés por meio dos espíritos da natureza para sorrar de forma moderada os jovens que porventura fossem lentos. O objetivo é fortalecer o espírito para suportar e superar todas as dificuldades impostas através das regras a que seriam submetidos quando estivessem inseridos nesse processo e também na vida.

O benzimento, no contexto geral, é uma prática existente na cultura indígena que se refere a um ritual de cura envolvendo conhecimento tradicional no que diz respeito à história de seu povo. Para os Tukano, o benzimento envolve todo o conhecimento da história do surgimento do povo. A iniciação de pajelança se dá por identificação de um potencial pajé desde o nascimento; a probabilidade é de nascer na família de um pajé, mas, em algumas vezes, pode ocorrer também na família em que o pai ou avô não o são. De acordo com os conhecedores tradicionais, um futuro pajé demonstra certas características desde a infância; não é qualquer pessoa que se transforma num pajé, por isso acontece essa observação sobre os meninos indígenas.

Em todas as situações, a iniciação de um pajé é um processo significativo e respeitado dentro da família e da comunidade. Quando nasce um filho ou uma filha, os pais logo levam essa criança para o pajé benzer e atribuir o nome indígena; no momento em que benze, o pajé, com a sua capacidade e prática espiritual, logo identifica que aquela criança possui grande probabilidade de ser um pajé, bayaró⁴ ou yaí⁵.

Com o benzimento e as orientações do pajé, os pais procuram ter um certo cuidado com a criança e observar para que lado tende a se formar, se pajé, bayaró ou

⁴ Mestre de música e danças tradicionais.

⁵ O mais alto nível de pajé.

yaí. Quando o menino completa seus 15 anos, o pajé solicita que os pais o levem novamente a ele, realizando, assim, uma conversa sobre a pajelança. Nela, é perguntado ao menino se quer seguir o processo. A partir do momento em que o menino aceita, o pajé dá início a todo o processo de iniciação, além de vários outros cuidados, incluindo a dieta, que, para os indígenas, significa resguardo, no qual não poderá se alimentar de nenhum tipo de assado, somente cozido; não poderá tomar mingau ou qualquer coisa quente, somente morna; e não poderá se aproximar das meninas para não se desconcentrar.

A iniciação de pajelança tem início aos 15 anos de idade aproximadamente; durante esse período de aprendizado, é repassado sobre as práticas espirituais e rituais de cura, com base na história do surgimento da vida dos Tukano. Esses ensinamentos seguem até os 18 anos.

Ao concluir o processo, o jovem é orientado a continuar o resguardo, porém nesse período poderá se aproximar de moças a fim de formar família e continuar com a linhagem de pajés. Nesse final, o jovem é apresentado à comunidade como o novo pajé e autorizado a exercer suas funções.

Na compreensão de benzimento, o povo Ye'pa mhasã possui um vasto repertório, que é realizado conforme a necessidade de cada indivíduo, nos diferentes momentos do ciclo da vida. Os conhecimentos de benzimento para os Ye'pa mhasã são a versão de conhecimento da medicina ocidental no que se refere ao conhecimento científico. Entende-se que o acompanhamento médico de uma mulher grávida é uma forma de essa mãe se sentir segura e entender que seu filho ou sua filha estará em boas mãos, referindo-se ao profissional (médico). Para os Tukano, o contexto de acompanhamento durante a gravidez é importante no sentido da assistência ao desenvolvimento de feto que se encontra em pleno desenvolvimento embrionário, porém uma mãe indígena procura o benzedor somente caso venha sentir algo anormal durante a gestação.

No nascimento da criança indígena, é primordial a participação do benzedor para que ele possa realizar o benzimento onde essa criança irá nascer, tendo em vista que antigamente, antes do surgimento do homem não indígena, as crianças indígenas nasciam sobre uma esteira estendida no chão limpo. A esteira é chamada de nihĩ utũ na língua Tukano e é benzida com repertório de recepção dessa criança, a qual era apresentada para este mundo, considerado um mundo com muitas impurezas, como também é o momento em que o benzedor atribui um nome a essa criança, dependendo da sua etnia.

Nos tempos de hoje, nos lugares distantes, onde não existe posto de saúde, o processo de nascimento da criança sobre uma esteira continua acontecendo. O nascimento também é o momento em que se realiza benzimento de we'tiró⁶ para que nenhum espírito do mal ou os encantados⁷ (wai'mhasã) possam se aproximar desse ser pequeno e causar algum mal ou dano para sua vida pessoal e espiritual. Caso os encantados se aproximem, podem fazer com que essa criança desenvolva algum tipo de

⁶ Benzimento para proteção de todo o mal.

⁷ Gente invisível.

deficiência, seja mental, seja física. O tupé⁸, suporte do nascimento da criança, se chama nihĩ utũ. Barreto (2017, p. 603) afirma que:

Entre os povos do Alto Rio Negro, conhecer o mundo significa necessariamente estabelecer relações cosmopolíticas, sem dividi-las em relações sociais e meio natural. Consideramos que todos os “ambientes” dos espaços aquáticos, terra/floresta e aéreo são habitados por outros seres humanos, denominados de *waimahsã*, na língua *yepamahsã*, que doravante são traduzidos como espíritos. Essa noção de espaços mais inclusivos está articulada com *bahsese* (benzimentos) e a interação dos humanos como *waimahsã*, habitantes dos respectivos ‘ambientes’.

A Figura 3 apresenta a ideia da estrutura de uma esteira para receber uma criança Tukano e junto o benzimento na língua Tukano para o recém-nascido nascer sem problema durante o parto, tanto para a mãe como para a criança. As informações da Figura 3 não estão detalhadas, apresentando apenas as informações permitidas.

Figura 3 - Esteira para nascimento da criança indígena Tukano



Fonte: Instituto Socioambiental/Associação Escola Indígena Tukano Yepa Pirõ Porã (2011)

Após o parto, a mulher indígena não pode tomar banho sem que o pajé faça o benzimento e a autorize a se banhar juntamente com o seu bebê recém-nascido. O pajé

⁸ Tipo de esteira confeccionada com talas secas de buriti.

kumu⁹ benze um cigarro e faz a defumação no percurso todo até o rio, também faz a defumação na beira do rio com intuito de afastar todos os espíritos da água, principalmente botos, cobras e peixes grandes do grupo dos wai'mahsã. Caso o pajé não realize o benzimento para o banho, todos os espíritos maus da água podem se apossar do corpo e do espírito da criança a ponto dela se tornar uma criança com deficiência. E, no caso da mãe da criança, se desobedecer e for tomar banho sem o benzimento, de imediato poderá sentir algum tipo de dor em qualquer parte do seu corpo, febre ou ter alguma enfermidade, isso após o banho, e muitas vezes essa enfermidade poderá levar essa mulher a uma situação grave quanto à sua saúde.

Para o momento do primeiro banho do bebê, junto com a sua mãe, o pajé realiza o benzimento utilizando o repertório especificamente de bahse uaro¹⁰. A Figura 4 mostra o benzimento escrito na língua Tukano de forma permitida pelo meu povo.

Figura 4: Benzimento de banho à mulher no pós-parto



Fonte: Instituto Socioambiental/Associação Escola Indígena Tukano Yepa Pirõ Porã (2011)

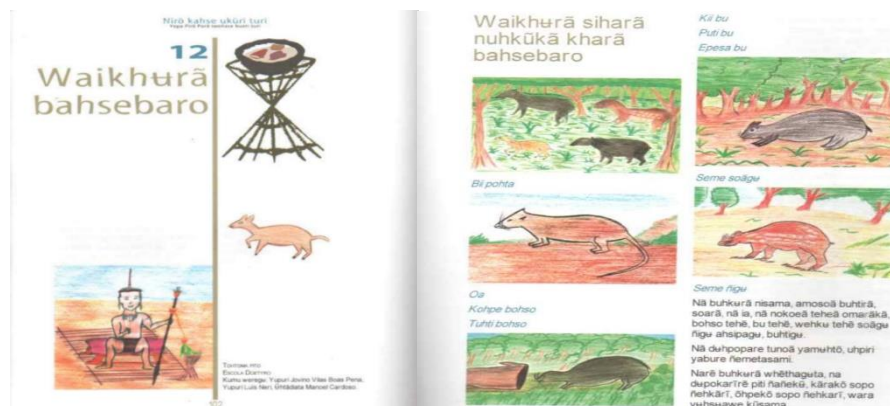
E assim, na sequência desse ciclo, tudo na vida dessa mãe é benzido, por exemplo, a mulher depois do parto fica uma semana em dieta se alimentando somente de mingau de goma, peixinhos pequenos de igarapé, ambos alimentos naturais sem sal e sem pimenta. Conforme vai se alimentando, tudo é preciso benzer, assim como os peixes, caça e frutas, o pajé tem a finalidade de transformar toda a alimentação da mulher em algo saudável (Figura 5). Para benzer a alimentação pós-parto, o pajé irá benzer o repertório de waikūrã bahsebaro¹¹.

⁹ Conhecedor de benzimentos.

¹⁰ Proteção para o banho após o parto.

¹¹ Benzimento de alimentação.

Figura 5: Benzimento pós-parto sobre os animais que fornecem carne através da caça para os indígenas



Fonte: Instituto Socioambiental/Associação Escola Indígena Tukano Yepa Pirō Porā (2011)

Em cada região do Alto Rio Negro, tanto como no Alto Rio Uaupés e outros rios que fazem parte do Alto Rio Negro, existem lugares sagrados. Esses lugares também fazem parte do conhecimento e das crenças tradicionais dos povos que por essas regiões habitam, os quais são repassados dos mais velhos para os mais novos, como de pais para filhos, geração para geração com preocupação de que seus filhos, netos e bisnetos possam compreender o significado e a relação dos ancestrais com esses espaços.

Na cosmologia Ye'pa mhasã, para evitar que alguns males possam atingir a nova geração sem que eles percebam ou saibam, esses espaços precisam ser conhecidos como lugares respeitados e perigosos pelo povo Tukano, pois são considerados sagrados. Esses lugares formam os grandes centros de cidades de gente invisível, a cidade dos encantados (way'mhasã). Os way'mhasã são seres invisíveis que vivem no mundo deles, o submundo da natureza. Para os Tukano, os encantados são formados por diversos seres diversificados, como: peixes, animais, árvores, pedras, insetos, répteis e outros. Esses seres possuem uma vida normal como a nossa de seres humanos, mas no mundo deles, é por isso que a natureza tem seus mistérios segundo os indígenas. O pajé é o principal conhecedor de lugares sagrados, pois seus benzimentos estarão sempre envolvendo esses lugares, seja para um benzimento de proteção, seja para um benzimento de combate contra eles.

Os way'mhasã, como qualquer ser vivo, também nascem homens e mulheres; conforme a crença dos indígenas, eles possuem uma fisionomia de uma beleza encantadora, são comparados com a fisionomia dos europeus, brancos dos olhos azuis ou verdes, porém muito malvados. Eles não querem bem aos seres humanos, e não existe encantado indígena, por isso os indígenas os temem. Uma forma de os encantados interagirem com os humanos é no sonho, pois eles têm o poder de invadir e interferir nos sonhos das pessoas.

Para evitar que os wai'mahsã afetem a vida dos humanos, é necessário que todos da aldeia estejam protegidos contra a ação desses seres, através de benzimento, cujo repertório será sobre a proteção. Nesse processo, o pajé irá proteger os seus, deixando esses seres distantes das pessoas para que nada de mal possa acontecer. Os indígenas também acreditam que tudo tem que ser benzido, principalmente ao se deslocar aos

lugares distantes; de acordo com o pajé, é nos lugares distantes que eles conseguem ter um domínio sobre os humanos.

Nessa perspectiva, partindo para a natureza, desde nossos ancestrais, os Ye'pa Mahsã possuem um elo muito forte com a natureza, tendo em vista que, na concepção indígena, a natureza é a mãe de todos os seres vivos existentes na face da Terra. Desse modo, os indígenas compreendem que a comunicação, por parte dos sinais da natureza, deve ser respeitada, assim é a relação entre os indígenas e a natureza.

Nos indígenas, devido à crença, procuramos ter o máximo de cuidado quando se trata de se locomover de um lugar para outro, principalmente quando viajamos para a região de outra etnia. A exemplo do povo Tukano, se saem da região do Rio Uaupés com destino à região do Rio Tiquié, por mais que nessa região também habitem outros Tukano, o cuidado deverá sempre ser levado em conta, tendo em vista que, na nossa concepção, existem regras a serem respeitadas de uma determinada região para a outra. Se acontece algo diferente naquele lugar, como chuva forte com temporal e trovoadas, ou então a pessoa estranha que nunca entrou naquela região começa a ficar doente, febril, é porque os wai'mahsã daquele local já o atacaram. É por isso que as pessoas novatas em algum lugar precisam ter conhecimento do espaço onde estão, para evitar que aconteça qualquer mal causado por esses seres.

Com todo o conhecimento que os nossos ancestrais e nós desta geração, por meio dos mais velhos, nossos pais, avós, construímos, compreende-se e firma-se que esses saberes vêm sendo repassados de geração para geração mediante a educação indígena, uma vez que são ensinados no espaço livre, onde aprendemos ouvindo e observando. Para tanto, ter conhecimento sobre a educação indígena faz com que possamos compreender, no espaço formal, a Educação Escolar Indígena. Nascimento (2015, p. 332), na ideia de apresentar a diferença da educação indígena para a Educação Escolar Indígena, aponta:

Existe uma diferença entre educação indígena e educação escolar indígena. A educação indígena é a educação que a criança recebe no contexto da comunidade e que varia de etnia para etnia e das relações históricas de contatos (igrejas, escolas, mídias, confrontos por territórios, urbanidade entre outros) que o grupo vivencia, mesmo sendo de uma mesma etnia. Na educação indígena, os saberes são transmitidos tendo como referência a cultura, mesmo que hibridizada, as suas pedagogias, as suas relações com a natureza e suas organizações sociais, de relações de parentesco entre outras particularidades. A educação escolar indígena, a partir da Constituição de 1988, é um processo em construção e tem em vista o respeito à diferença, ao bilinguismo, à interculturalidade e à especificidade de cada grupo indígena.

Quanto à educação indígena, para nós, o aprendizado acontece a todo momento, em casa, na roça, aprendendo a fazer beiju e farinha, tendo em vista que estes são alimentos fundamentais. A ciência Tukano transita entre os modos de ser, a cosmologia e a espiritualidade. As organizações internas da comunidade não separam as narrativas cosmológicas da Pedagogia Tukano. A ciência Tukano sutura esses elementos e os articula ao contexto da Educação Escolar Indígena, é o fazer escola, ciência e educação como modos cosmológicos de ser Tukano.

CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, apresentamos parte da ciência Tukano nas plantas – dahseá ahkotisékó – e em rituais de iniciação e benzimento – bahsésé –, além dos diálogos com o RCNEI. Este estudo contribuiu para processos de ressignificação da prática docente de Ciências Naturais na Educação Escolar Indígena de uma professora Tukano. Como pesquisadora indígena pertencente à etnia Ye'pá Mahsã (Tukano), falante da língua Ye'pá Mahsã, dialogar com experiências de minha vida pessoal, profissional e cultural possibilitou revisitar diversos espaços e memórias.

Os conhecimentos do povo Tukano incluem tradições diversas, como rituais de iniciação, cerimônias culturais, benzimentos, práticas de plantio e colheita, mitos e lendas transmitidos oralmente, bem como uma relação espiritual e sustentável com a floresta que nos rodeia. Com este trabalho, a minha docência como educadora indígena tem sido enriquecedora e, ao mesmo tempo, desafiadora. Assim, tenho buscado criar espaço aos meus alunos na sala de aula para que eles compreendam que podemos aprender no componente curricular Ciências Naturais considerando nossa ciência indígena. O estudo conduz a uma reflexão sobre os processos de formação para professores indígenas que ensinam Ciências Naturais em contexto indígena e não indígena. Compreendemos que se tornar professor indígena ultrapassa a aquisição de conhecimentos pedagógicos e científicos, é um processo de revitalização cultural, de reconexão com a terra-mãe, a natureza, e com as tradições e de enfrentamento das barreiras impostas pela sociedade não indígena.

Professoras e professores que ensinam Ciências, em escolas indígenas e não indígenas, podem se deparar com situações de incompreensão da cosmovisão e da sabedoria tradicional dos povos indígenas. O ensino indígena é rico em recursos vivenciais na comunidade, na natureza, mas possui minimamente recursos e materiais quando o relacionamos aos das escolas não indígenas, e não percebemos preocupação significativa do sistema educacional em considerar os conhecimentos tradicionais na educação nacional. Um exemplo consiste nos modelos dos exames externos, que avaliam a educação, e naqueles para ingresso em cursos superiores.

A expectativa é de que este estudo venha contribuir com o povo Tukano, uma vez que pode ressignificar práticas docentes a partir das narrativas do contexto histórico pessoal na interseção das memórias de uma professora indígena, suas vivências e influências culturais. Trata-se de narrativas formadas pelas experiências de vida em conexão com a comunidade, bem como interação com diferentes culturas e ideias que a docente vem construindo e suturando ao longo do tempo de vida.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: MEC/Secad/Museu Nacional/UFRJ, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf Acesso em: 23 set. 2022.

BARRETO, João Paulo Lima. **Wai-Mahsã: peixes e humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena.** 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BHABHA, Homi, K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União:** Seção 1, Brasília, DF, p. 1, 12 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 10 ag. 2017

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ/FAPERJ, 2003.

NASCIMENTO, Adir Casaro. A educação e o indígena no Brasil por Adir Casaro Nascimento. **Revista de Estudos Universitários - REU,** Sorocaba, v. 41, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2433>. Acesso em: 10 abr. 2024.

TUKANO, Álvaro. **O mundo Tukano antes dos brancos: um mestre Tukano.** Brasília, DF: INCTI/UNB/CNPq, 2017. v. 1. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/o-mundo-tukano-antes-dos-brancos-um-mestre-tukano-volume-1>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Recebido: 20/3/2024.

Aceito: 15/06/2024.

Sobre as autoras:

Aldenice Fonseca Alencar

Professora indígena da educação básica Secretaria de Educação (SEMED) São Gabriel da Cachoeira, licenciada em Pedagogia e Física, e mestre em Ensino de Ciências e Humanidades pelo PPGECH/IEAA da Universidade Federal do Amazonas.

Instituição: Secretaria de Educação (SEMED) São Gabriel da Cachoeira

E-mail: aldenicealencar@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1596-9434>

País: Brasil

Ruth Reis de Oliveira

Licenciada em Ciências: Matemática e Física no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: ruth99.reis@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7809-7574>

País: Brasil

Rozane Alonso Alves

Doutorado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professora da graduação e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: rozanealonso@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1401-5556>

País: Brasil

Elrismar Auxiliadora Gomes Oliveira

Doutorado em Ensino de Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pós-doutoranda - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP), apoio FAPESP n° de processo 2023/16357-7.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: elrismaroliveira@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5922-0273>

País: Brasil